



Ensaio

O USO TERAPÊUTICO DA MEDIAÇÃO: UM ENTENDIMENTO PSICANALÍTICO A RESPEITO DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

THE THERAPEUTIC USE OF MEDIATION: AN UNDERSTANDING PSYCHOANALYTIC ABOUT A ARTISTIC PRODUCTION

Sandra Aparecida Serra Zanetti⁶

Resumo

A proposta do presente trabalho é a de apresentar, com base em autores psicanalíticos, uma compreensão a respeito de produções artísticas num contexto psicoterapêutico. Para tanto, será apresentada, primeiramente, a concepção de Winnicott sobre o fenômeno transicional, como um elemento mediador para a experiência psíquica; e a de Kaës, que articulando os conceitos de Winnicott e Freud, concebe a existência da categoria do Intermediário, como aquela que aborda a mediação, promovendo uma ponte entre duas ordens de realidade e que não podem ser reduzidas uma a outra. A produção artística, neste contexto, é entendida como um objeto mediador ao psiquismo, facilitando os processos elaborativos do pré-consciente.

Palavras-chave: Arte, Mediação, Pré-Consciente, Psicanálise.

Abstract

The purpose of this paper is to present, based on psychoanalytic authors, an understanding about the artistic productions in a psychotherapeutic context. To do so, will

⁶ Psicóloga, Mestre, Doutora e Pós-doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: sandra.zanetti@gmail.com.

be presented, first, the concept of Winnicott of transitional phenomena, as a mediating element to psychic experience; and Kaës, that articulating the concepts of Freud and Winnicott conceives the existence of the category of Intermediate, as one that addresses the mediation, promoting a like a bridge between two orders of reality, which can not be reduced one to another. The artistic production in this context is understood as a mediator object to the psyche, facilitating elaborative processes preconscious.

Key words: Art, Mediation, Preconscious, Psychoanalysis.

Os recursos expressivos, e as produções artísticas decorrentes destes, promovem um encontro verdadeiro e inédito entre um sujeito e um objeto, que, antes disso, não existia. Um objeto que se achava escondido, ou mesmo perdido, mas que quando se cria tem um grande poder de revelar ao sujeito algo sobre ele, sobre sua história, sobre suas angústias, e mesmo sobre o seu sofrimento. Este encontro é, portanto, em potencial, mágico, singular e organizador para o psiquismo. É fruto de uma tentativa de colocar em forma algum conteúdo que não tinha qualquer significado, nomeação ou lugar. É trabalho de sublimação, como apontaria Freud (1930/2006); é um fenômeno e um objeto transicional, como diria Winnicott (1896-1971/1975); que contempla, ao mesmo tempo, a criatividade e a elaboração psíquica, ao promover uma ponte entre o eu e o não-eu, uma mediação entre o que se é e o que se cria, entre fantasia e realidade, entre mundo interno e mundo externo.

Ao nascer, o bebê é completamente dependente de sua mãe. Winnicott (1896-1971/1975) aponta a importância de um vínculo fortemente estabelecido entre uma mãe e sua criança desde o seu nascimento, pois considera que não há possibilidade alguma de um bebê progredir do princípio do prazer para o princípio da realidade ou no sentido da identificação primária, a menos que exista uma “mãe suficientemente boa”. Esta (não

necessariamente a própria mãe do bebê) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do mesmo. Com a assistência física da mãe ao bebê, desde o seu nascimento, passa a constituir-se um processo psicológico. A técnica materna de pegar no colo, de banhar, de alimentar, de mantê-lo aquecido, de sensibilizar-se das necessidades do bebê proporcionará a este a experiência de se sentir integrado (WINNICOTT, 1896-1971/1975).

A adaptação quase completa promove ao bebê a ilusão da onipotência, um controle mágico da realidade externa correspondente a sua própria capacidade de criar, necessário a sua sobrevivência. No entanto, o trabalho de uma “mãe suficientemente boa” é o de promover uma adaptação que diminui gradativamente, seguindo a crescente capacidade do bebê de tolerar os resultados da frustração. Este processo promoverá condições para que o bebê se desenvolva de modo sadio, frustrando gradativamente sua onipotência e podendo, assim, perceber a realidade (WINNICOTT, 1896-1971/1975).

Da passagem gradativa da ilusão à desilusão, a criança começa a deparar-se com a ideia de separação da mãe, porém ainda não discrimina completamente a realidade externa da interna. Segundo Winnicott (1896-1971/1975), existe uma *área intermediária* concedida ao bebê entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade: os fenômenos e objetos transicionais. Os objetos transicionais, primeiras possessões tidas como não-eu pelo bebê (ursinhos, bonecas, brinquedos etc.) e os fenômenos transicionais são áreas neutras, intermediárias de experiências, incontestadas quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada) e constituem a parte maior da experiência do bebê. Esses são facilitadores da passagem da dependência à independência, de um estado de estar fundido com a mãe ao de perceber-se separado, possibilitando a emergência da subjetividade. Por meio dos fenômenos transicionais, a criança poderá desenvolver sua capacidade criativa; condição do homem de realizar algo

com prazer, com vivacidade e singularidade, proporcionando a individualidade, permitindo o acesso de contato com a realidade objetiva (WINNICOTT, 1971).

Para Kaës (2005), a área cultural e transicional seriam semelhantes por manter sem crise nem conflito a capacidade de coexistência do que já está lá e do ainda não advindo, da herança e da criação: espaços capazes de criar a ilusão fundadora de continuidade entre a realidade psíquica e a realidade externa. Nesses espaços flutuam e, posteriormente, estabelecem-se os limites entre o dentro e o fora, o ego e o não-ego. Graças a essas brincadeiras, como mostra Kaës (2005), a criança desenvolve sua capacidade de simbolização e de criatividade. Serão essas experiências as capazes de introduzir a experiência cultural. Ou seja, possibilitam o nascimento do espaço intermediário e são, em si, experiências intermediárias.

O objeto transicional aparece no momento em que a criança não é mais parte do corpo da mãe, mas não é ainda um objeto externo. A ilusão que ele proporciona é necessária para que a criança, satisfeita em suas necessidades pela ação da mãe suficientemente boa, possa ter acesso à experiência da separação e superá-la (KAËS, 2005, p. 27).

Portanto, Kaës (2005) localiza no trabalho de Winnicott a cultura como uma formação intermediária ao articular o espaço transicional e o espaço cultural. Algo que, para esse autor, supõe uma experiência subjetiva e intersubjetiva de tolerância e confiança. Assim, a cultura seria este lugar que proporcionaria a experiência da continuidade entre realidade psíquica e realidade externa, entre aquilo que se herda e aquilo que se cria, propiciando, desta forma, a simbolização e a criatividade, que só podem produzir-se “como Winnicott (1975) diz: ‘se tivermos um lugar onde colocar o que encontramos’” (Winnicott, 1896-1971/1975 citado por Kaës, 2005, p. 60).

Devemos ter um lugar para receber o que nos é transmitido, um lugar para recolher o que não nos é momentaneamente disponível, e que outros vão poder fazer funcionar por nós ao nos oferecer representações com as quais iremos novamente poder brincar. É a continuidade entre a área transicional e a área cultural (KAËS, 2005, p. 25).

Winnicott (1896-1971) foi o principal responsável por mostrar a importância dos fenômenos e objetos intermediários, e Kaës (2005) compreende por meio da obra deste autor que esta é a fonte da cultura e dos elementos culturais: surgidos da capacidade da criança de lidar com a separação da mãe, de brincar e, conseqüentemente, do homem de criar. Assim, podemos entender a cultura como tudo aquilo que criamos e nos proporciona esta sensação de articular a experiência interna com a externa, providenciando sentidos e formas de ser e estar no mundo. E este é também, portanto, o papel da arte, da criatividade e da criação como elementos fundamentais da cultura.

Desta forma, Kaës (2005) vai além e, com base em Freud (1923/2006), entende a categoria do Intermediário, de forma geral, como aquela que permite a aproximação da “articulação entre o espaço intrapsíquico e o espaço intersubjetivo, pluri-subjetivo, socialmente organizado, coletivamente atravessado pela realidade psíquica” (KAËS, 2005, p. 11). Um conceito que aborda a mediação, que promove uma ponte entre duas ordens de realidade e que não podem ser reduzidas uma a outra.

No aparelho psíquico, Kaës (2005) sinaliza o pré-consciente como justamente a instância intermediária, de passagem, de mediação e de transformação. Considera-a, portanto, responsável pelos processos de elaboração, mas também por processos que possibilitam a transformação da pulsão e das angústias em elementos de figuração, de representação e significação capazes de se articular com outros elementos figurativos do pensamento e, assim, produzir sentidos ao vínculo intersubjetivo.

O pré-consciente é o sistema do aparelho psíquico no qual se efetuam os processos de transformação que sofrem certos conteúdos e processos psíquicos para retornar à consciência. É a esse sistema que se junta à capacidade associativa, tradutora e interpretativa da psique (KAËS, 1999, p. 92).

Partindo do estudo de Kaës (2005), Vacheret (2000) entende que “a mediação é o que precede e prepara um trabalho psíquico de ligação simbolizante” (p. 160). E o “objeto mediador é o lugar de colocação em forma do imaginário, nesse sentido, ele é mobilizador do espaço do pré-consciente” (VACHERET, 2000, p. 160). Os grupos terapêuticos propostos por Kaës (1999) e Vacheret (2005, 2008) tem por diferencial a proposta de trabalho com um elemento mediador, pois estes são grupos destinados a reestabelecer a capacidade associativa do pré-consciente.

Há muitos anos, os profissionais colocaram em funcionamento – no campo terapêutico e no da formação – dispositivos de trabalho psíquico que nomearam “grupos de mediação”. Esses dispositivos reúnem número restrito de pessoas, normalmente em contexto institucional: suas relações são mediatizadas seja por um meio sensorial (o sonoro, os objetos plásticos), seja por objetos culturais já pré-constituídos (o conto, a fotografia). Além dessa diferença, o objetivo perseguido por esses grupos é de ativar ou reanimar certos processos psíquicos não mobilizáveis ou modificáveis de outro modo, o que o sejam, com esse dispositivo, de modo mais eficaz. (KAËS, 2005, p. 46-47).

De acordo com Vacheret (2000), num grupo “o objeto mediador tem uma função facilitadora do acesso à transicionalidade” (p. 160), aos moldes dos objetos e fenômenos transicionais de Winnicott (1975). Desta maneira, esses objetos operam incidindo sobre os processos psíquicos de ligação no interior de cada sujeito e entre eles:

A problemática da mediação é uma problemática de processos psíquicos de ligação, articulando a realidade intrapsíquica do sujeito singular e a realidade grupal percebida como uma realidade de fora em um primeiro momento. (VACHERET, 2000, p. 160)

A produção artística, portanto, para a psicanálise é portadora de um processo de representação que faz um convite ao sujeito: como um objeto mediador, mobilizando os processos do pré-consciente viabiliza o acesso ao material que permanecia inconsciente e que por meio do objeto construído se mostra, mas já decodificado, apresentando-se como obra ao criador, solicitando-lhe um nome e um significado.

Na psicoterapia o uso dos objetos mediadores providencia aos pacientes justamente esta possibilidade, terapêutica, de acessar os conteúdos reprimidos, ao mesmo tempo em que apresenta uma oportunidade de poder ser pensado, elaborado na sessão. Ao se construir um desenho, uma escultura, criar um quadro, recortar uma figura, sem saber que o faz, o paciente dá livre acesso ao seu inconsciente e o configura, dá forma, colore, e o vislumbra. A essência que do que está em cena, sendo trabalhada na sessão, poderá então ser expressa de outra forma, por meio da produção artística, e as associações livres que surgirem desta produção serão enriquecedoras ao psiquismo que agora poderá trabalhar com material antes impensável.

Quando um conteúdo que permanecia isolado ganha em significado, é porque uma ponte nova foi construída entre elementos do psiquismo, que se transforma. O objeto mediador, construído em sessão, favorece os processos elaborativos do pré-consciente por conter elementos-chave, decodificados, prontos para “serem lidos”. A angústia que antes só poderia ser angustiante agora poderá ser tratada e pensada porque foi possível perceber que seu significado está escrito na história do sujeito em tal momento e em tais condições, elucidados por um objeto mediador. Uma lembrança é recuperada e poderá entrar para a cadeia associativa, restaurada, e em circuito novamente promove novas associações e descobertas sobre si, sobre a vida, sobre um novo mundo. Claro, tudo isso possibilitado pelo contexto continente da psicoterapia.



O sentido da vida está nos sentidos que damos a ela. Os objetos que construímos são capazes de condensá-los e de nos mostrar a nossa própria essência, se pudermos vê-los, com esses olhos. Assim, podemos pensar que justamente seja este o papel da psicoterapia, o de “oferecer representações com as quais iremos novamente poder brincar”, conforme aponta Kaës (2005, p. 25). Desta forma, também entendemos que esta é a contribuição que a psicanálise pode oferecer, em termos de compreensão, ao universo de experiências ocorridas em sessão que envolvem a arte, os recursos expressivos, as produções criativas e todos o uso de objeto mediador num contexto de psicoterapia.

Data de recebimento: 16 de abril de 2014.

Data de aceite: 19 de abril de 2014.

Referências

FREUD, S. (1923-2006). O Ego e o Id. Em: Freud, S. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. p. 15-80.

FREUD, S. (1930-2006). O mal-estar na civilização. Em: Freud, S. **O futuro de uma ilusão o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago. p. 67-148.

KAËS, R. **Espaços Psíquicos Compartilhados**: transmissão e negatividade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

KAËS, R. La Parole, le Jeu et le Travail du Préconscient dans le Psychodrame Psychanalytique de Groupe. Em: KAËS, R. E cols. (Orgs.) **Le Psychodrame Psychanalytique de Groupe**. Paris: Dunod, 1999. p. 51-100

VACHERET, C. Développement de quelques pistes théoriques. Em: VACHERET, C. (Org) **Photo, Groupe et soin Psychique**. Lyon: PUL, 2000.

WINNICOTT, D. W. (1896-1971). **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.